

CAIXA
CULTURAL apresenta

DOIS INDÍGENAS DA AMAZÔNIA

VIDA E ARTE

CURADORIA NEI VARGAS

DUHIGÓ E DHIANI PA'SARO





A CAIXA Cultural apresenta a exposição “Dois Indígenas da Amazônia – Vida e Arte”, proporcionando ao público de São Paulo a oportunidade de conhecer a obra de dois expoentes das artes que, por meio das técnicas de marchetaria e pintura, expressam a poética do cotidiano vivido nas aldeias e suas tradições, dos mitos e das lendas que vicejam em meio à fauna e à flora amazônicas.

Nascidos em São Gabriel da Cachoeira, na região do Alto Rio Negro, estado do Amazonas, Dhiani Pa’saro, da etnia Wanano, e a pintora Duhigó, da etnia Tukano, também têm em comum a produção de obras de grande apuro técnico, aprimorado nos estudos, bem como a utilização de materiais de excelência extraídos da floresta.

Pa’saro domina a pintura e a marchetaria. Seus trabalhos, realizados no coração da selva amazônica, abordam o cotidiano, a fauna e a flora, expressos por meio de imagens de trançados indígenas elaborados em uma refinada marchetaria. Já as pinturas da artista Duhigó trazem forte componente inspirado na cultura vivenciada nas aldeias Tukano, Barassano e Tuyuca e revelam o universo dos povos originários da Amazônia, representados por cenas do cotidiano, artefatos e elementos mitológicos.

Ao patrocinar essa exposição, a CAIXA reafirma sua política cultural de estímulo à arte e culturas brasileiras, de valorização da representatividade regional e de incentivo à pluralidade de manifestações artísticas, comportamentais e de pensamento, contribuindo assim para a difusão e valorização das culturas e tradições dos povos originários brasileiros.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Ritualística, mitologia, cosmogonia, cosmologia, memória, herança e sacralidade. O extenso conjunto de atribuições ao corpo de trabalho desenvolvido por Duhigó e Dhiani Pa’saro está regido pelo signo da ancestralidade. As obras reunidas na exposição “Dois Indígenas da Amazônia - Vida e Arte” compõem a Coleção da Associação de Educação do Homem de Amanhã do Brasil - HABRA, Organização Não Governamental dedicada a projetos de proteção social, educação, direitos humanos e cultura. O acervo perfaz um compêndio de referências históricas produzidas pelos dois artistas, concentrando da excelência artística ao acesso a um poderoso conhecimento longo e ainda pouco visto.

Originários dos povos que compõem as unidades do sistema social indígena que vivem às margens do Rio Uaupés e seus afluentes como o Rio Tiquié, Papuri, Querari e outros que compõem a região do Alto Rio Negro, a descendência destes artistas deita suas raízes na região da Colômbia e do Noroeste da Amazônia brasileira, mais precisamente no município fronteiro de São Gabriel da Cachoeira.

Seus mitos de origem e regime de comunicação são transmitidos por meio da família linguística tukano oriental, composto por um grupo com mais de dez povos, entre os quais os Tukano, do Povo Yepá Mahsã representados pela Duhigó, e os Wanano, ao qual pertence Dhiani Pa’saro.

O cruzamento da história de vida de cada um deles já possuía sólidas bases nas suas ancestralidades, mas adensou com novos capítulos no encontro ocorrido no Instituto Dirson Costa de Arte e Cultura da Amazônia (IDC). Ali iniciava um outro caminho em que as artes visuais teceriam vínculos ainda mais estreitos rumo a camadas de projeção e reconhecimento mais amplos. Voltada ao ensino de História da Arte, Pintura e Marchetaria, o projeto da Escola de Artes do IDC foi instituído para oferecer novas oportunidades profissionais à população de indígenas que vivem em Manaus.

Seus estudos permitiram que Duhigó e Dhiani erguessem arcabouços conceituais tomando como fundamento uma visualidade escavada na memória. As experiências na aldeia, no princípio de suas vidas, são trazidas para seus trabalhos artísticos a fim de revelar elementos culturais e preencher lacunas na construção de um projeto de país mais diverso e justo.

Duhigó está interessada nas cenas do cotidiano do seu povo, tanto que compôs uma série de pinturas e gravuras em que a maloca se configura como elemento central, disparador de todo tipo de relação social. Nesta exposição, há um recorte de seu trabalho com gravuras, pinturas de muiraquitãs, máscaras ritualísticas e cocares dos seus ancestrais e outros povos amigos dos Tukano.

Vale o destaque para sua grande obra presente o acervo do MASP que trata de uma parturiente sentada na rede, mostrando a complexa ritualística do parto, na obra “Nepũ Arquepũ”. Máscaras ritualísticas também dançam a dança de seus ancestrais, como a Máscara de Ritual presente no acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo (Pina).

Os seres que estruturam a mitologia Tukano perfazem outro grupo de investigação, colocando em evidência deusas e deuses responsáveis pela criação do mundo, da natureza e da vida humana. Ainda, as indumentárias presentes na rotina ou nos ritos de passagem, como as máscaras que tanto servem para o uso em cerimônias celebrativas quanto podem aparecer nas vestimentas funerárias. Por fim, os ouriços de onde se extrai a Castanha-do-pará servem de suporte para uma infinidade de grafismos e dão sentido artístico a um elemento da natureza comumente descartado.

Dhiani vai na mesma toada ao retratar o universo que constituiu seu povo Wanano. Exímio pintor, o artista se destaca também nas sofisticadas marchetarias elaboradas com apuro técnico raramente encontrado neste tipo de meio.

Dhiani Pa'saro é o mais importante marcheteiro da contemporaneidade amazônica, não sendo equivocado estender o título a um dos grandes mestres do país. A riqueza dos trançados feitos com uma diversidade de fibras naturais que marcam a cultura de seu povo, aparecem quando ele elabora na tessitura de inúmeras peças de madeiras seu repertório visual.

Dhiani traduz por meio de suas marchetarias animais geometrizados do ecossistema amazônica, solicitando uma observação atenta para fazer surgir bichos preguiça, besouros, peixes e borboletas. Além disso, os grafismos são encontrados nas cestarias que armazenam alimentos, como os balaios onde se guarda a mandioca ou as peneiras usadas para comida, como na obra "Suophoka", que compõe o acervo do MASP e a obra "Arara Azul", presente no acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Nesta exposição, o visitante terá uma apurada seleção destas marchetarias já consagradas. Aparece ainda uma lança que carrega um chocalho, usada pelo cacique da aldeia, como símbolo de respeito para saudar caciques de outras malocas.

Aos povos nativos deste vasto país continental coube elaborar estruturas de resistência para que pudessem manter suas vidas e seus legados. Duhigó e Dhiani Pa'saro avançam neste sentido ao incorporarem a arte como forma de existência. Por meio dela, criaram um rico e elucidativo compêndio que ilustra os elementos da sua ancestralidade, sem o qual seria muito mais difícil obter acesso e compreensão de como são seus modos de ser e estar no mundo. Ela e ele são mais que artistas, são guardiões de suas culturas. Suas vidas vão perdurar por meio da arte.

Nei Vargas – curador



TRAMAS MITOLÓGICAS

Nesta série (Miriã Sutiri – Máscaras de Pássaros), Duhigó escolheu um mito do clã dos pássaros, no povo Tukano, que ela em sua infância e adolescência na aldeia registrou por meio da sabedoria oral repassada por seus avós (seus professores dos mitos Tukano) nas histórias que ouvia deles em momentos especiais e de intimidade familiar. O mito trata de uma história entre um casal que culmina com um dabucuri – ritual de celebração com muita comida e bebida, próprio dos indígenas – onde os membros deste clã que são pássaros se transformam em gente e se vestem com máscaras ritualísticas. Na narração do mito, a mulher, durante o dabucuri, procura seu marido entre os pássaros mascarados para lhe oferecer uma cuia de caxiri.



Duhigó
Miriã Sutiró VIII, 2023
Acrílica sobre tela
100 x 80 cm



Duhigó
Miriã Sutiró XIII, 2023
Acrílico sobre tela
90 x 80 cm



Duhigó
Máscara de Ritual XIII, 2023
Acrílico sobre tela
90 x 80 cm



O seu trançado é inspirado no grafismo usado nos raladores de mandioca. Na produção do ralador original o grafismo representado na obra é desenhado no ralador antes de pregar os dentes do objeto, feitos de pedrinhas. Este grafismo é inspirado também na casca do besouro. A obra é uma expressão genuína da inspiração ancestral dos indígenas da Amazônia ao compor seus utensílios domésticos com arte inspirada na observação mais profunda da floresta. Uma obra que inspira engenhosidade e requinte dos ancestrais amazônicos.

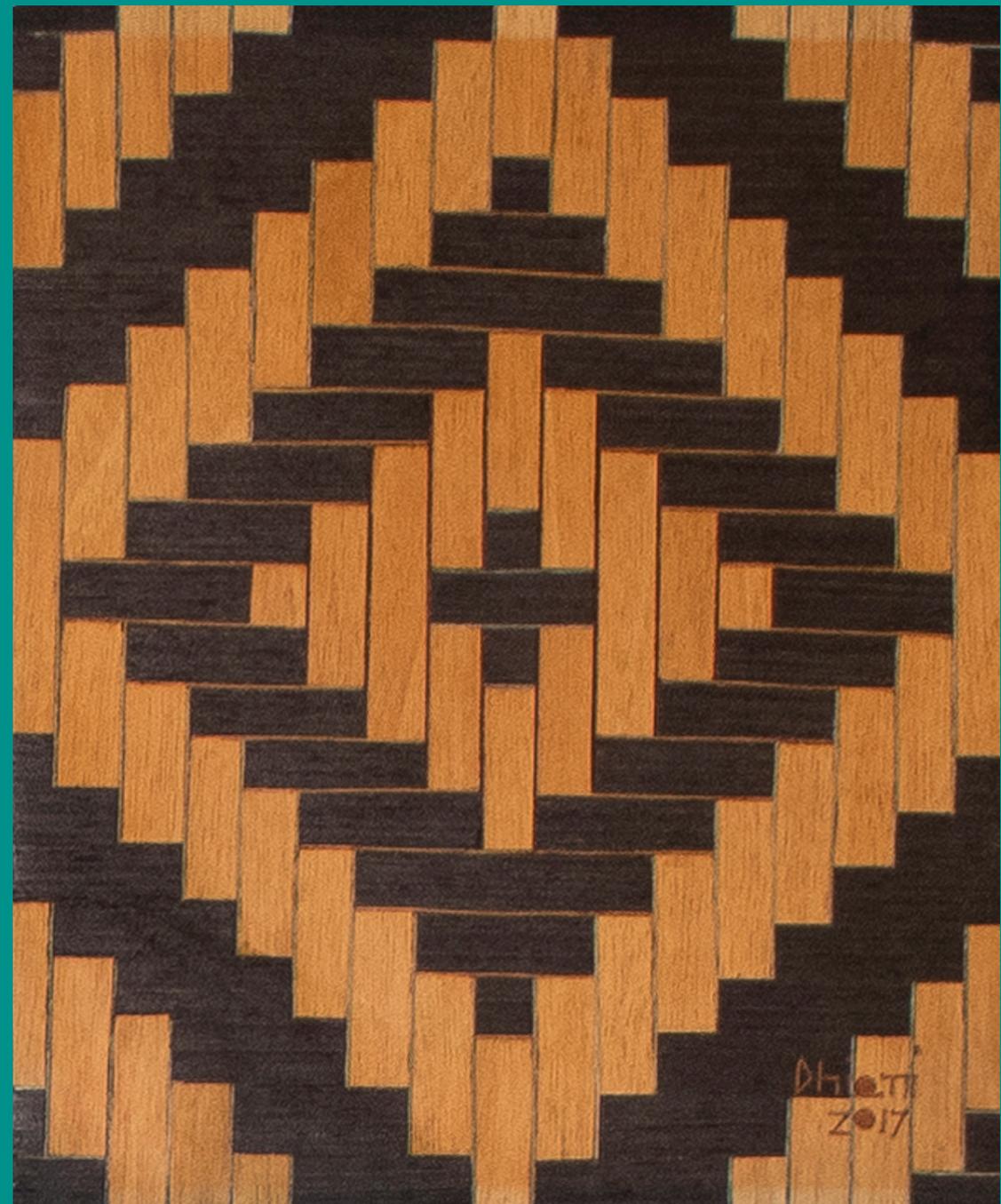


Dhiani Pa'saro
Sok' Ô Hori - Grafismo de Ralador, 2017
Marchetaria
25 x 25 cm

Esta obra apresenta uma pintura rupestre representando o Sol. A pintura original foi encontrada em uma rocha do Estado do Pará e possui originalmente a cor vermelha. Na visão do artista, este Sol pode também ser interpretado como a figura feminina com suas curvas e portadora do ventre. A obra traz consigo a força da arte ancestral dos primeiros habitantes da Amazônia e sua relação com os astros celestes.



Dhiani Pa'saro
Sol Ancestral, 2018
Marchetaria
20 x 25 cm



Dhiani Pa'saro
Casco de Besouro, 2017
Marchetaria
20 x 25,5 cm

O seu trançado é inspirado no desenho formado no casco de um besouro típico da Amazônia brasileira e que inspira os indígenas da etnia Wanano na composição de trançados usados na confecção de peneiras, paneiros e balaios - utensílios que são originalmente produzidos de talas de arumã - uma espécie de fibra da floresta. Esta obra traz a força das tramas amazônicas, da criatividade indígena e da ancestralidade de um povo.

O artista traz grafismos usados nos trançados da sua etnia Wanano, muito utilizados na confecção dos tipitis, cestarias e peneiras. A obra recebe este nome "caminho de saúva" pois é inspirada na trajetória feita pelas formigas saúva, muito conhecidas na Amazônia e temidas pelos agricultores devido sua força dominante em devorar plantações e por sua inteligência tanto quanto a das abelhas.. Uma obra inspirada no comportamento estratégico das formigas mais famosas da Amazônia e uma das fontes de alimento para os indígenas.



Dhiani Pa'saro
Caminho de Saúva II, 2017
Marchetaria
20 x 25 cm



Dhiani Pa'saro
Rabo de Peixe II, 2017
Marchetaria
32 x 25 cm

Nesta obra o grafismo "rabo de peixe", usado nos trançados da etnia Ticuna, etnia da esposa do autor, ganha destaque central na obra de arte e é cercado pela tipologia de trançados mais comum dos indígenas da Amazônia brasileira. Este tipo de trançado é muito usado na confecção de cestarias dos Ticuna. Uma obra que destaca a relação muito próxima entre indígenas e a fauna da floresta amazônica. São as formas da natureza que inspiram e influenciam a arte produzida por eles.

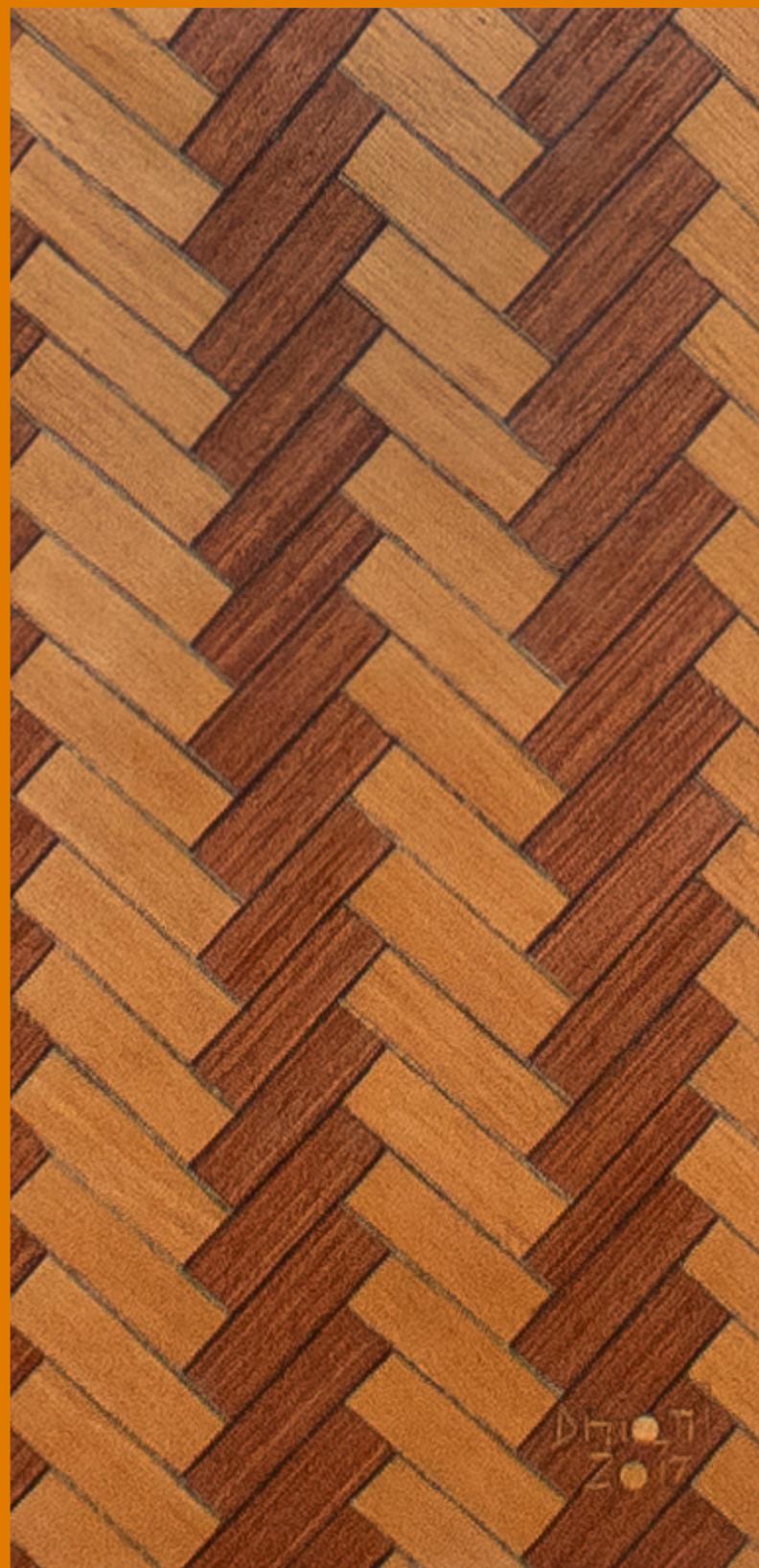


Dhiani Pa'saro
Caminho de Saúva I, 2017
Marchetaria
20 x 25 cm

O grafismo usado nesta representação da trama imita um olho de pássaro noturno, mais especificamente, o pássaro Arapapá. Este tipo de grafismo é muito usado em cestarias e peneiras dos índios Ticuna. O Arapapá é uma ave crepuscular singular, não sendo possível confundir-la com qualquer outra ave devido ao seu típico bico largo e poderoso, que lembra um barco virado de cabeça para baixo. A obra traz a energia da arte envolvida em cada elemento que compõem a floresta amazônica, em especial na fauna e flora.



Dhiani Pa'saro
Olho de Pássaro da Noite - Arapapá, 2017
Marchetaria
20 x 25,5 cm



Dhiani Pa'saro
Caminho de Saúva III, 2017
Marchetaria
11,5 x 25 cm



Dhiani Pa'saro
Rabo de Peixe I, 2017
Marchetaria
20 x 25,5 cm

A obra apresenta um muiraquitã, nome que os índios ancestrais da Amazônia davam a um pequeno objeto em forma de rã ou sapinho, que segundo eles, traz felicidade, sorte e poderes de realização a quem o possuísse. A origem do mito do muiraquitã está ligada às índias icamiabas, ou "mulheres sem marido" que viviam na região do Baixo Amazonas, entre o atual município de Nhamundá e divisa com o Estado do Pará, em uma sociedade isolada.

As icamiabas realizavam uma festa anual dedicada à lua, durante a qual recebiam os índios Guacaris, que viviam próximos delas, com os quais se acasalavam.

Depois do acasalamento, elas mergulhavam em um lago chamado Iaci-uaruá (espelho da Lua) e iam buscar no fundo do rio a matéria-prima (rocha ou argila, geralmente da cor verde) com que moldavam os Muiraquitãs. Então presenteavam os companheiros com os quais tinham feito amor. Os companheiros usavam os muiraquitãs orgulhosamente pendurados no pescoço. O muiraquitã é, portanto, um amuleto da fertilidade, da multiplicação e da sorte na Amazônia.



Duhigó
Utá Hori I, 2022
Acrílica sobre tela
30 x 30 cm



Duhigó
Utá Hori II, 2022
Acrílica sobre tela
30 x 30 cm



Duhigó
Utá Hori III, 2022
Acrílica sobre tela
30 x 30 cm



Duhigó
Tríptico de Muiraquitãs, 2016-2017
Acrílica sobre tela
15 x 10 cm (cada)



Duhigó
Muiraqitãs de Pedra, 2022
Acrílica sobre tela
20 x 20 cm (cada)

A obra apresenta um pote estilizado da etnia Dessana, que no tamanho original é menor que a obra. Era usado para guardar a bebida Ayuasca (produzida com raízes da Amazônia e de poder alucinógeno). Nas formas circulares, o artista buscou representar as ondas de pensamentos produzidos pelo efeito do chá de Ayuasca que conduz a pessoa que o toma para uma viagem interior. Nesta obra o artista faz este convite ao observador: uma viagem para dentro de nós mesmos.



Dhiani Pa'saro
Pote Dessana I, 2016
Marchetaria
Ø 60 cm



Dhiani Pa'saro
Wünû - Bicho Preguiça, 2021
Marchetaria
Ø 60 cm

A palavra Wünû significa bicho preguiça na língua Wanano. A obra foi inspirada nos trançados de cestarias Ticuna, que são bem diferentes de outras etnias. As cestarias originais são confeccionadas com talas de arumã, que são retiradas do mato, raspadas e tingidas com tintas naturais. A obra traz essa engenhosidade dos indígenas da Amazônia em traduzir a observação da natureza em formas, trançados e cores.

Esta peneira estilizada em marchetaria foi inspirada nas peneiras da etnia Wanano que usam o grafismo "Testa de Tatú Canastra" nos trançados que compõem este típico objeto doméstico dos indígenas amazônicos.



Dhiani Pa'saro
Testa de Tatu II, 2016
Marchetaria
Ø 60 cm

A obra traz um trançado muito utilizado no fundo das cestarias e é conhecido como trançado caranguejo, pois lembra as patas do crustáceo. Nesta obra o artista resgatou esse trançado que desde 2009 ele não utilizava em suas marchetarias. Uma obra que inspira a relação homem e natureza, e como a própria influência nas criações artísticas ancestrais.

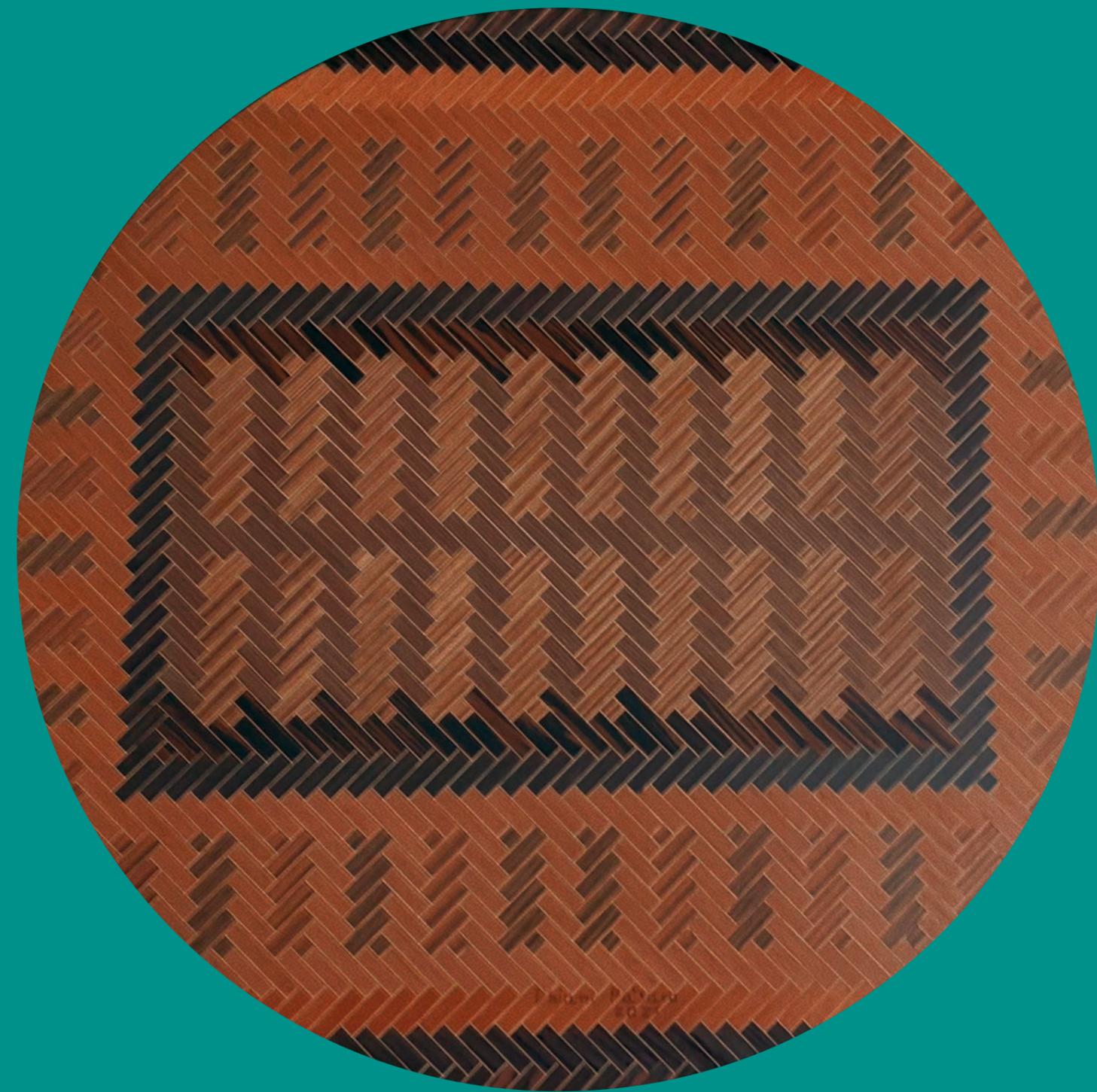


Dhiani Pa'saro
Caranguejo III, 2017
Marchetaria
Ø 41,5 cm



Dhiani Pa'saro
Seringueira, 2017
Marchetaria
Ø 41,5 cm

A palavra machu ma'ã significa caminho de saúva (uma espécie de formiga), na língua Wanano. A obra foi feita a partir do grafismo de balaios dos Baniwas



Dhiani Pa'saro
Machu Ma'ã I, 2022
Marchetaria
Ø 65 cm



Dhiani Pa'saro
Pratos Amazônicos, 2016
Marchetaria
Ø 60 cm

Com uma poderosa combinação geométrica de vários pratos de cerâmica (barro) sobrepostos, o artista brinca com as formas circulares, criando um efeito prazeroso que amplia nossa imaginação para diversas formas geométricas encontradas na natureza amazônica. Os pratos originais dos Wanano eram produzidos artesanalmente com argila, retirada das margens dos rios.

RITOS DO COTIDIANO



A forma gráfica deste trançado usado no fundo de cestarias (Urutú), são grafismos inspirados na pegada dos jabutis e a obra como um todo representa vários jabutis andando.



Dhiani Pa'saro
Khúri, 2021
Marchetaria
Ø 65 cm

A obra foi inspirada nas peneiras dos indígenas Wanano. As peneiras como cestos platformes e circulares são confeccionadas com talas de fibras afastadas umas das outras e são usadas para peneirar a massa da farinha e também para transportar o beijú do forno até o jirau. É um instrumento muito usado pelas mulheres, que se orgulham das suas peneiras que são trançadas com grafismos diferentes e geralmente por seus maridos. São instrumentos de uso diário e estão ligadas à relação do casal: o homem produz a peneira e a mulher a utiliza para produzir e transportar comida.



Dhiani Pa'saro
Paneiro Wanano I, 2022
Marchetaria
Ø 80 cm



Dhiani Pa'saro
Pegada de Onça, 2021
Marchetaria
Ø 60 cm

A obra representa um tipo de trançado típico dos indígenas Baniwa denominado "Pegada de Onça". Este trançado é muito comum em cestos usados para guardar miudezas. Os cestos originais são produzidos em fibra de arumã, tingidos com tinta natural e verniz natural. Todos os trançados e grafismos expressos nestas cestarias têm um significado simbólico para o povo indígena que o produz. Em alguns trançados, como este da obra de arte em questão, são um único motivo e outros são uma combinação de vários deles.

Khaapi é uma obra de referência profunda que narra a passagem de conhecimento do cacique Wanano para o filho, sobre o ritual de produção da bebida à base de Ayahuasca. Esta bebida é usada em rituais sagrados de conexão dos índios Wanano com o universo sagrado do inconsciente, onde lá poderão obter respostas para a caminhada da tribo e trajetória pessoal. A obra traz uma espécie de portal que se abre acima das cabeças dos personagens na maloca. Este portal em forma de escada, que na visão do artista é o mundo superior, é acessado a partir da força dos vegetais que conduzem à viagem sagrada.



Dhiani Pa'saro
Khaapi (cipó sagrado), 2019
Acrílica sobre madeira
185 x 136 cm



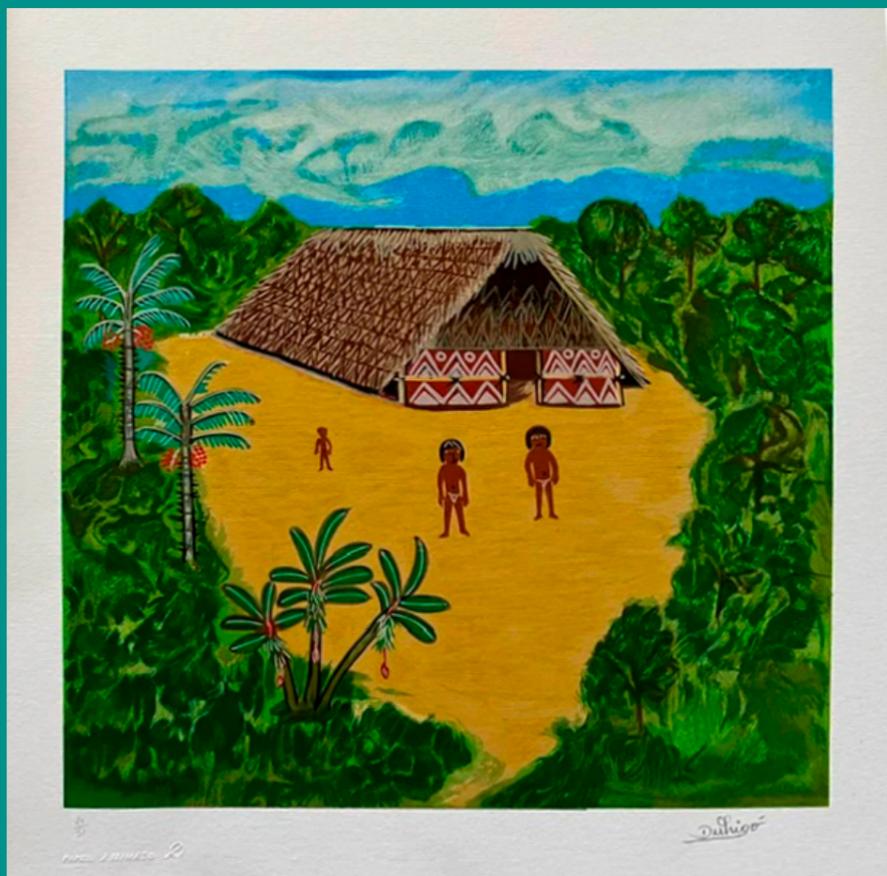
A obra foi inspirada na lança de chocalho Wanano, que era usada pelo chefe (cacique) da aldeia. A lança é utilizada pelo cacique como um símbolo de respeito para saudar outro cacique ou parente de uma maloca diferente, quando a lança é chacoalhada inicia-se uma longa conversa até que o chefe autorize o visitante entrar na maloca. A lança é confeccionada com a madeira mais dura e resistente da floresta, tipo a coração de negro e muirapiranga.

Dhiani Pa'saro
Yaichû II - Lança Chocalho, 2023
Marchetaria
19,5 x 122 cm

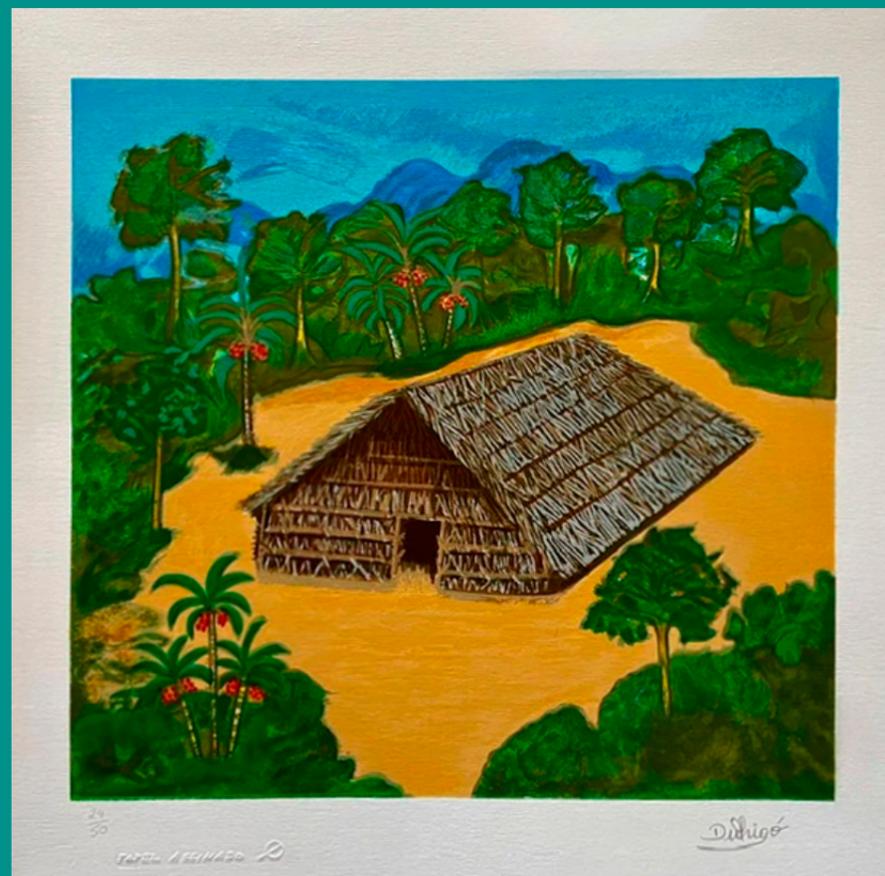
Duhigó
Grafismos do Cotidiano Tukano, 2021-2024
Acrílica sobre ouriço
12 cm (cada) (8 unidades)

Dhiani Pa'saro
Paneiro Wanano II, 2022
Marchetaria
Ø 80 cm

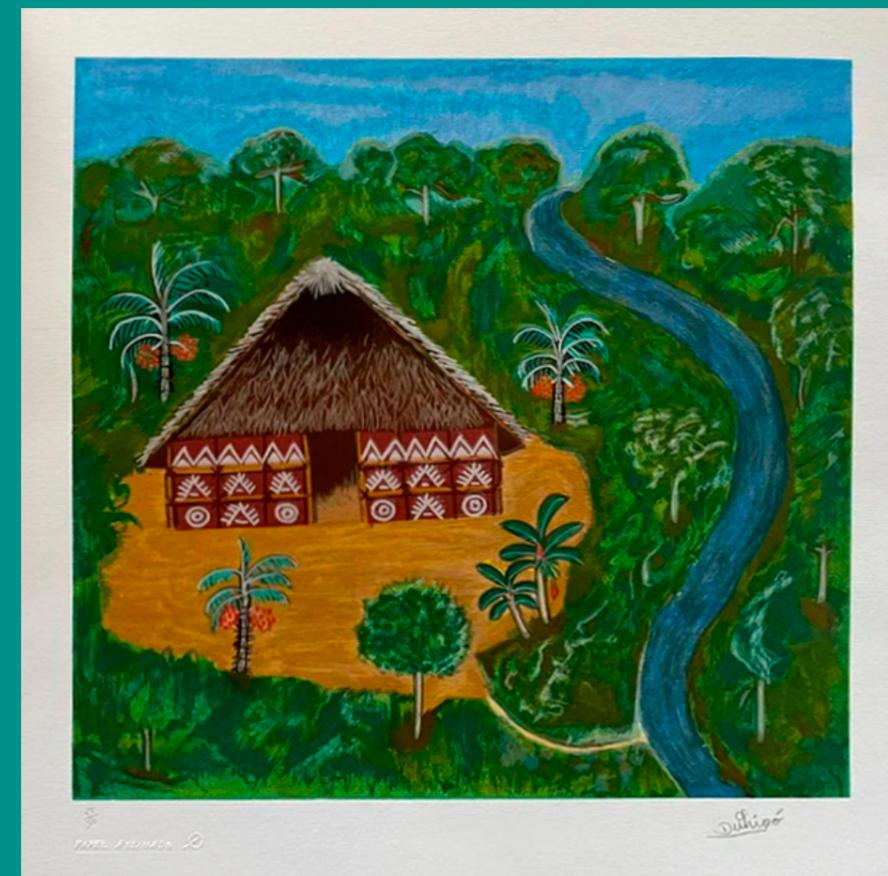




Duhigó
Maloca do Miriti - Tapuia IV, 2023
Serigrafia
50 x 50 cm



Duhigó
Maloca do Miriti - Tapuia III, 2023
Serigrafia
40 x 40 cm



Duhigó
Maloca do Miriti - Tapuia V, 2023
Serigrafia
50 x 50 cm



Dhiani Pa'saro
Tipiti III, 2017
Marchetaria
50 x 50 cm e Ø 20 cm



Dhiani Pa'saro
Testa de Tatu II, 2017
Marchetaria
55 x 55 cm e Ø 25 cm



Duhigó
Cocar dos Tupis, 2023
Serigrafia
50 x 50 cm



Duhigó
Cocar do Próximo Cacique, 2017
Acrílica sobre tela
20 x 20 cm



Duhigó
Cocar dos Tukanos, 2023
Acrílica sobre tela
30 x 30 cm



Duhigó
Cocar Rei, 2022
Serigrafia
70 x 70 cm



Duhigó
Memória dos Tupis, 2023
Acrílica sobre tela
80 x 80 cm



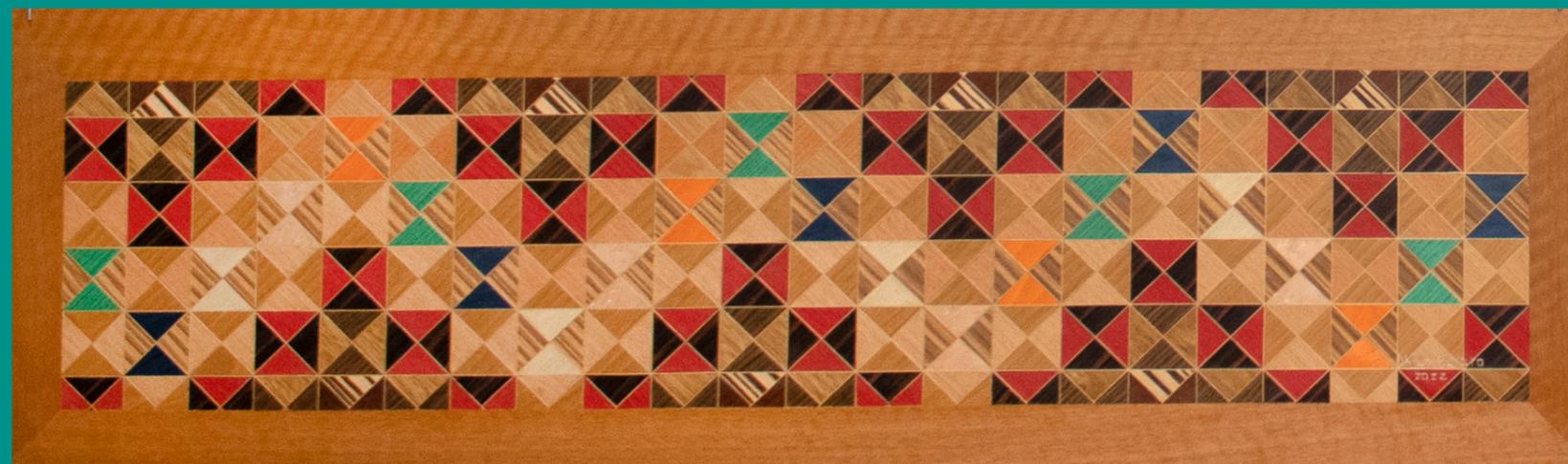
A maior marchetaria já produzida por Dhiani até então, esta obra trata de um tema que diz que antigamente os indígenas Wanano, que viviam às margens do Rio Uaupés, na região do Alto Rio Negro, Noroeste do Estado do Amazonas, Brasil, teciam redes com a fibra da palmeira buritizeiro. As fibras eram retiradas dos talos do buritizeiro, lavadas e secadas ao sol. Depois eram fiadas e enroladas em vários novelos. Estas fibras eram armadas numa espécie de tear e o processo de amarração acontecia em um formato triangular.

Dhiani Pa'saro
2019 MANAUS-AM

Dhiani Pa'saro
Wuni Phunô, 2019
Marchetaria
138 x 185,5 cm

REVOADA DAS WA'TAPARO

Wa' Taparo em português significa borboleta. A obra foi inspirada na lenda das borboletas que voam em bando durante o verão, nas margens do rio Uaupés. No final elas caem no rio e se transformam em areia.



Dhiani Pa'saro
Movimento das Wa'táparo (Borboletas), 2023
Marchetaria
37 x 121 cm



Dhiani Pa'saro
Borboleta Raio Vermelho, 2024
 Marchetaria
 20 x 22 cm

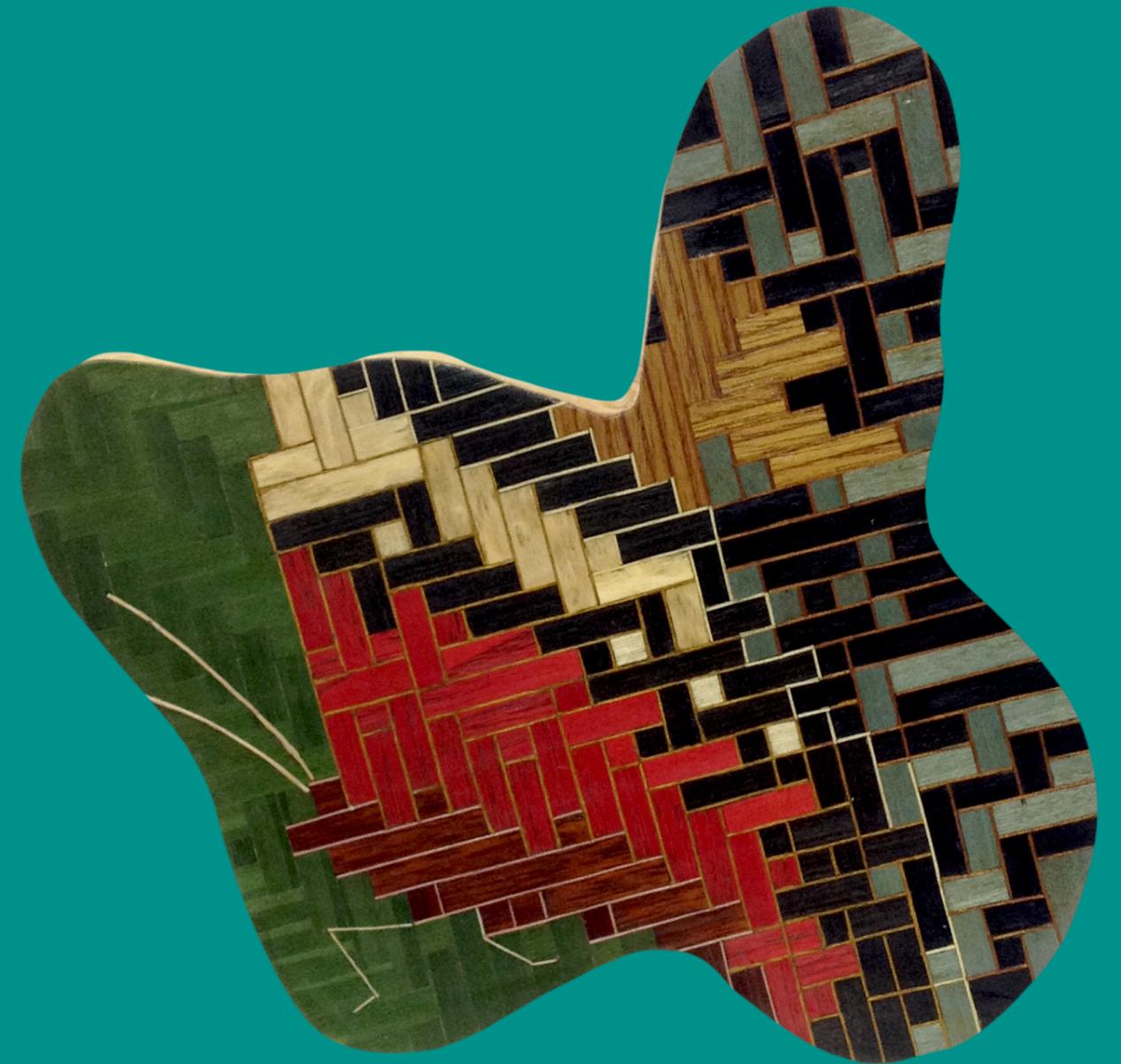
Dhiani Pa'saro
Borboleta Capitão do Mato, 2024
 Marchetaria
 20 x 22 cm

Dhiani Pa'saro
Onça, 2024
 Marchetaria
 21 x 21 cm

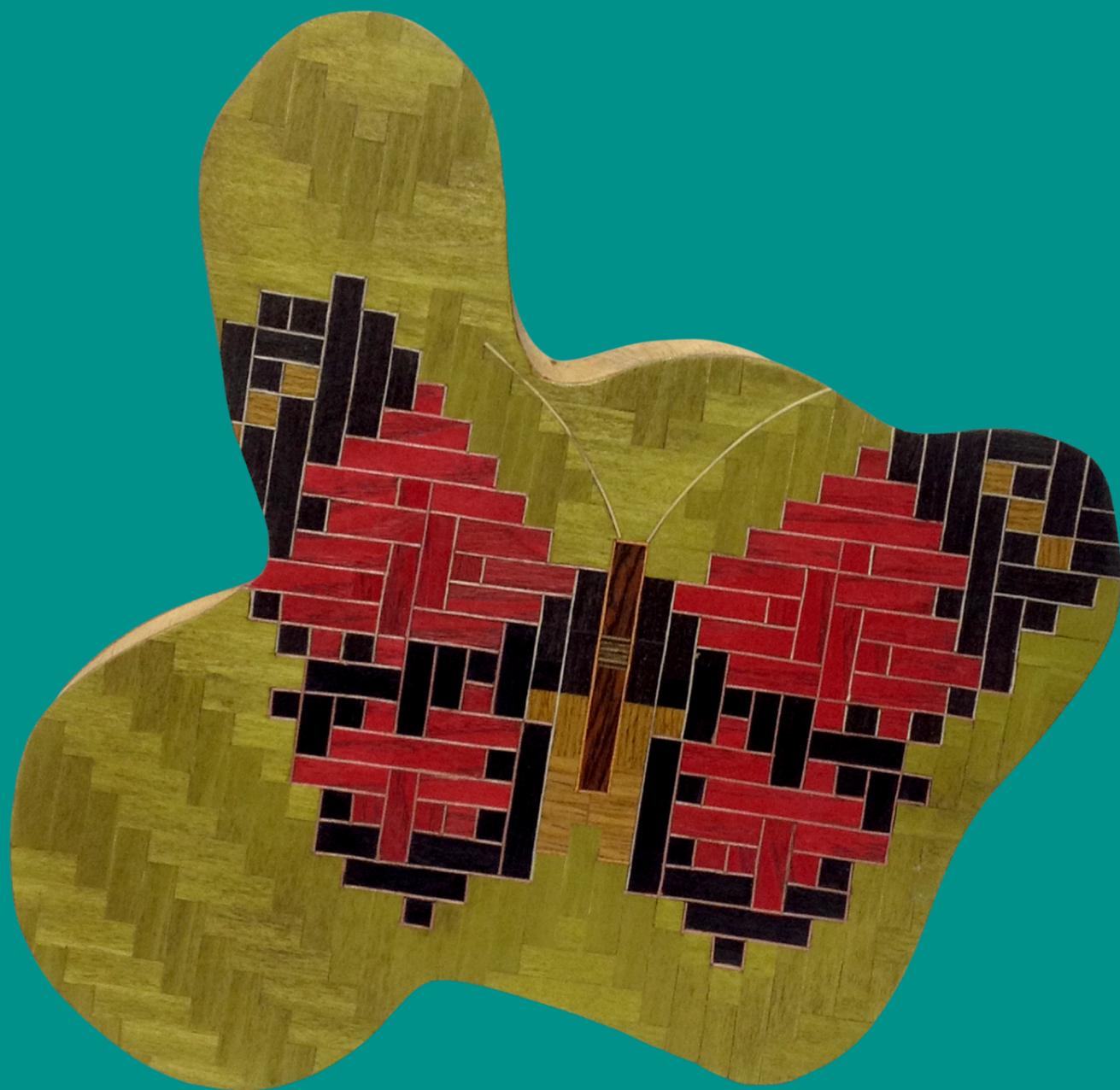
Dhiani Pa'saro
Borboleta Raio Amazônico, 2024
 Marchetaria
 20 x 21,5 cm

Dhiani Pa'saro
Borboleta Ponta Laranja, 2024
 Marchetaria
 20 x 21,5 cm

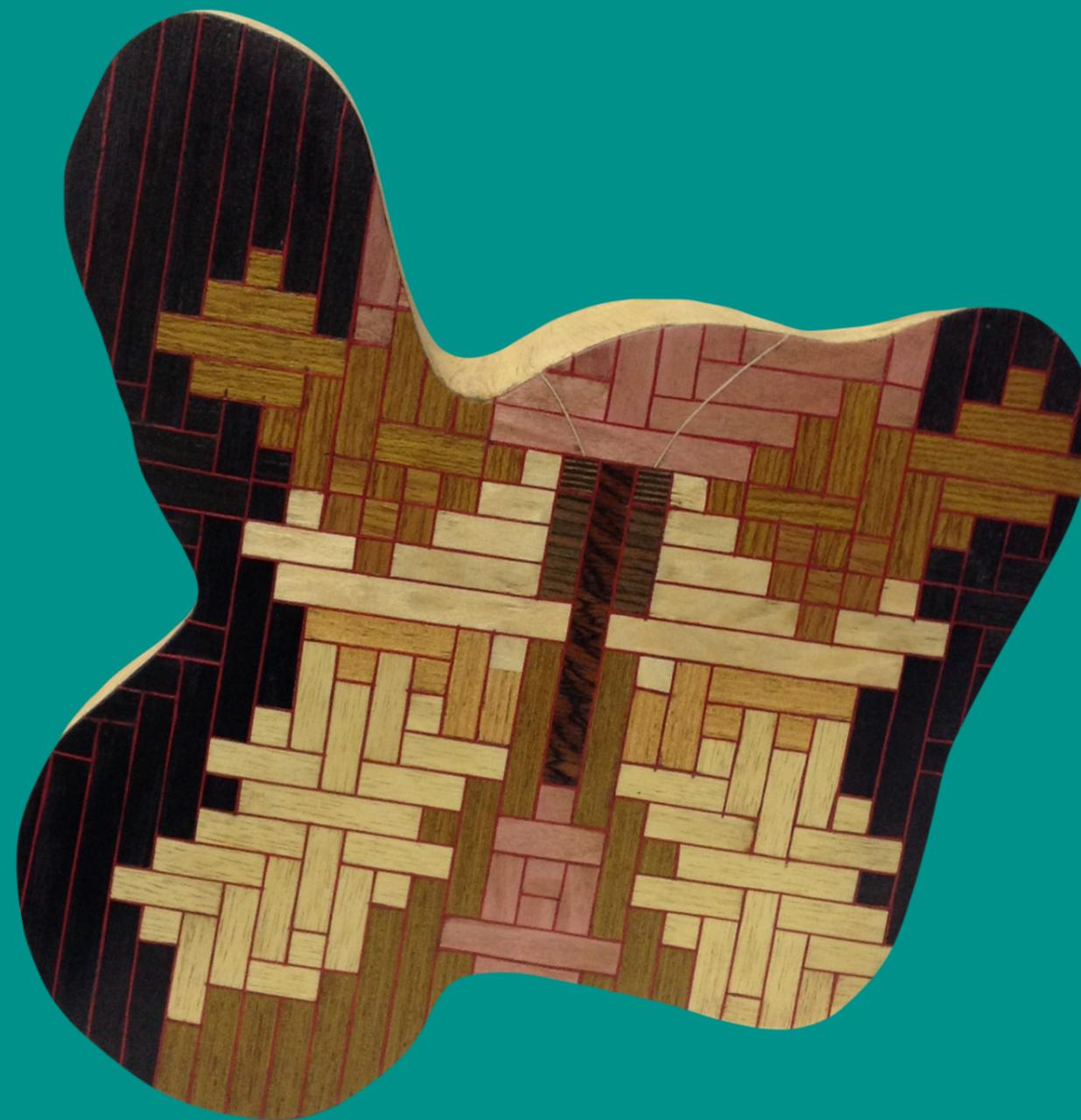
Dhiani Pa'saro
Borboleta Monarca, 2024
 Marchetaria
 20 x 22,5 cm



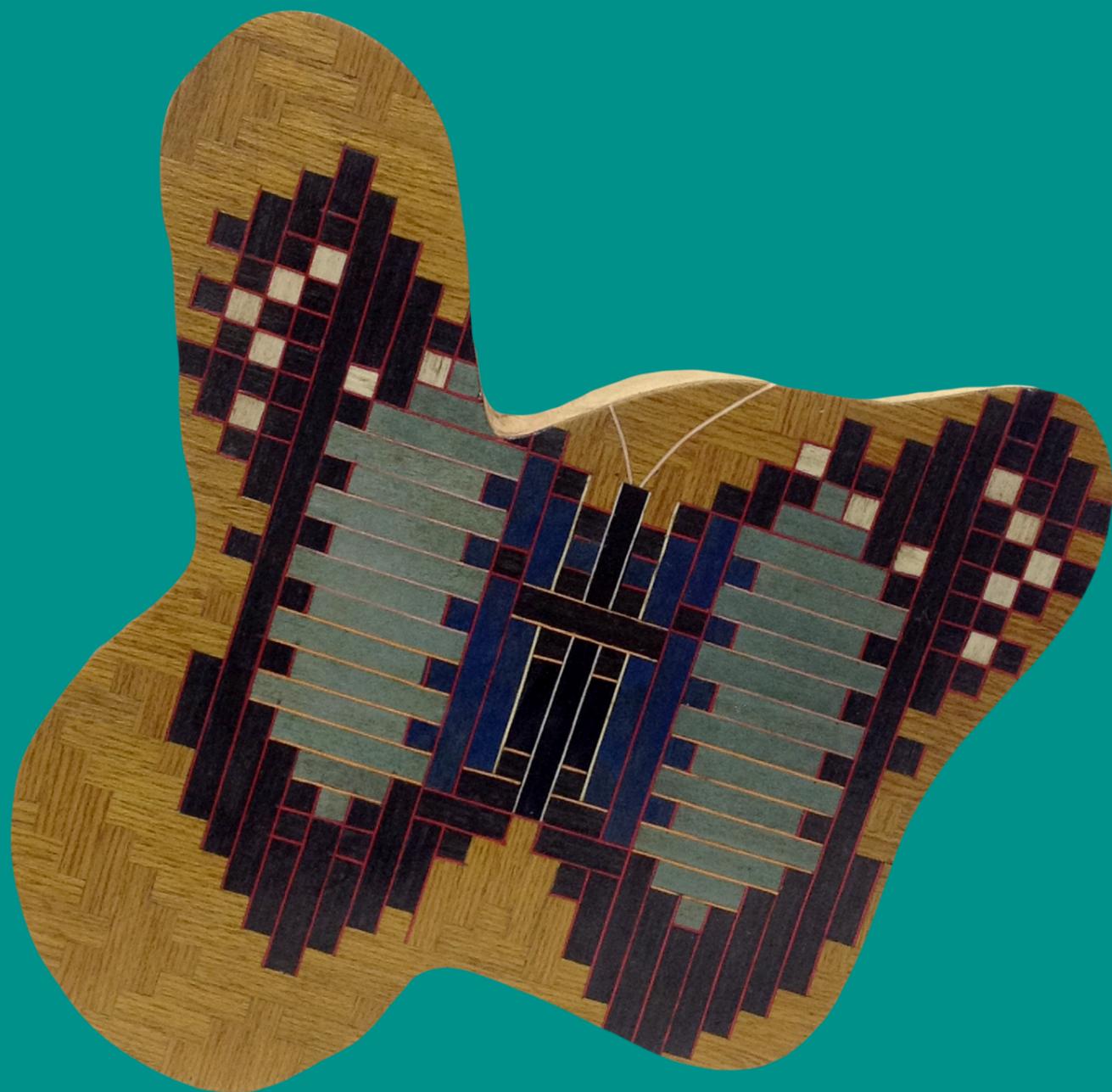
Dhiani Pa'saro
Borboleta Raio Amazônico, 2024
 Marchetaria
 20 x 21,5 cm



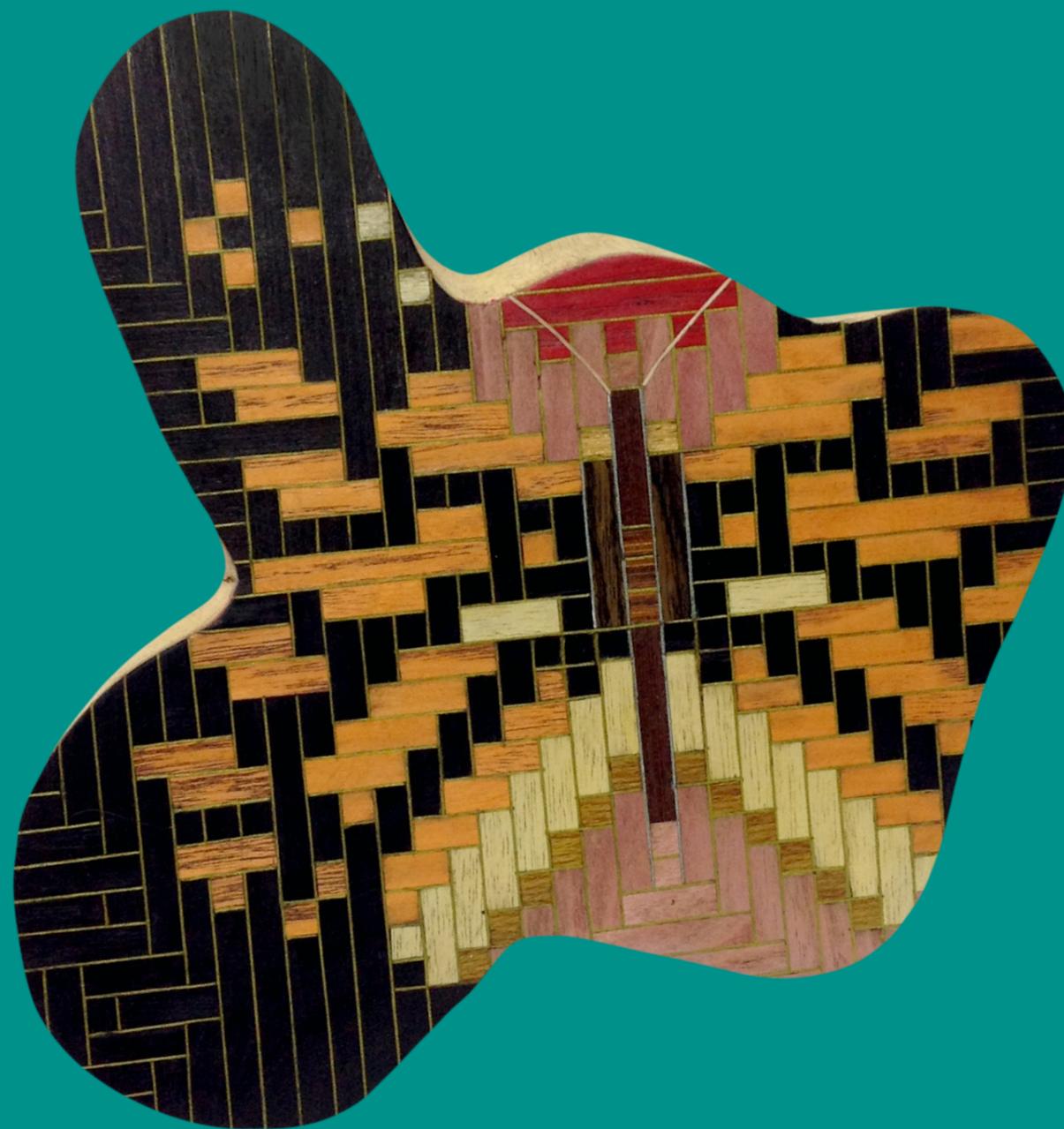
Dhiani Pa'saro
Borboleta Raio Vermelho, 2024
Marchetaria
20 x 22 cm



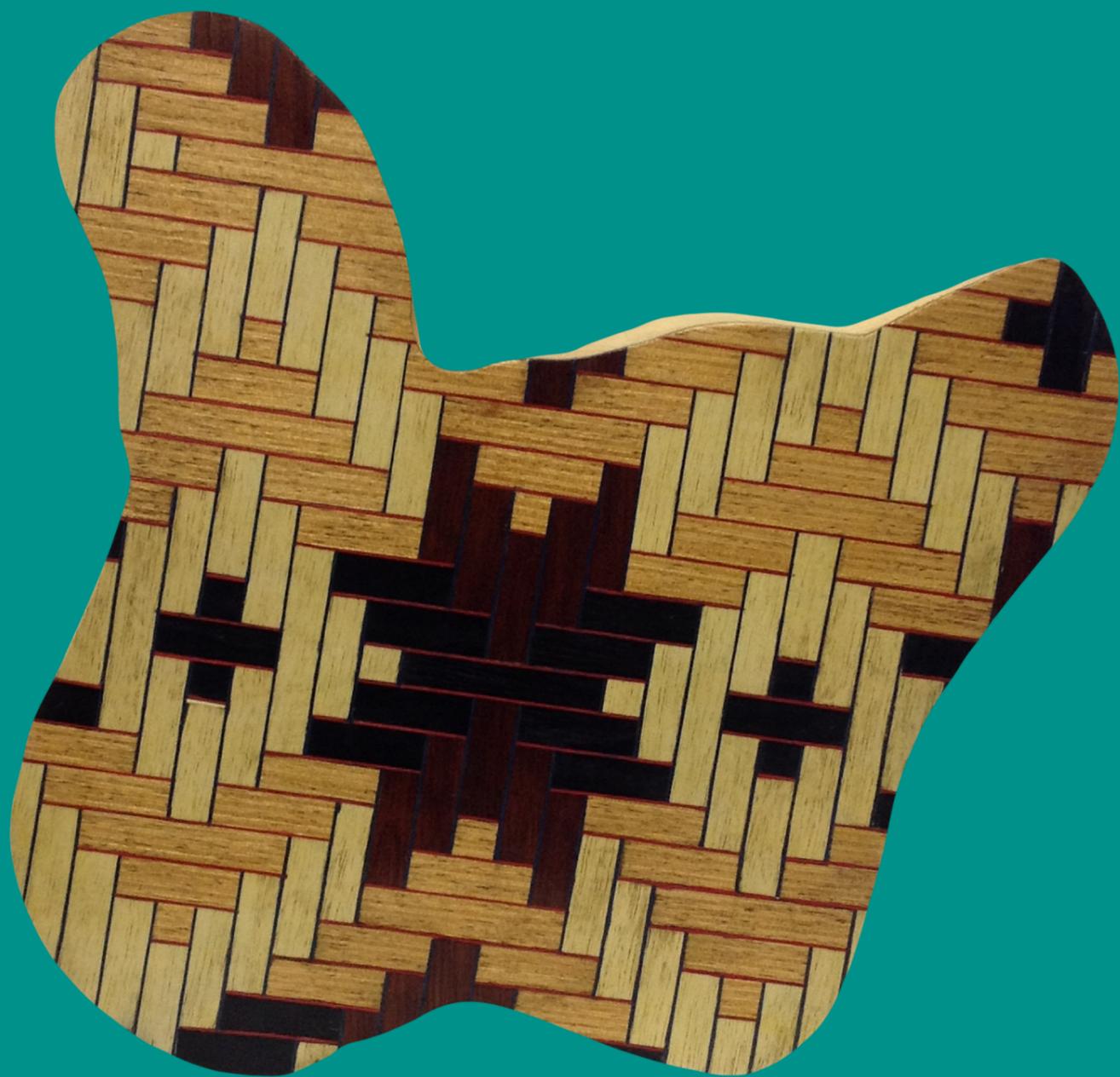
Dhiani Pa'saro
Borboleta Ponta Laranja, 2024
Marchetaria
20 x 21,5 cm



Dhiani Pa'saro
Borboleta Capitão do Mato, 2024
Marchetaria
20 x 22 cm



Dhiani Pa'saro
Borboleta Monarca, 2024
Marchetaria
20 x 22,5 cm



Dhiani Pa'saro
Onça, 2024
Marchetaria
21 x 21 cm



Dhiani Pa'saro
Wãmônoã VI, 2023
Marchetaria
23 x 26 cm

Dhiani Pa'saro
Wãmônoã IV, 2023
Marchetaria
23 x 26 cm

Dhiani Pa'saro
Wãmônoã V, 2023
Marchetaria
23 x 26 cm

Dhiani Pa'saro
Wãmônoã VII, 2023
Marchetaria
23 x 26 cm

Dhiani Pa'saro
Wãmônoã VIII, 2023
Marchetaria
23 x 26 cm



Dhiani Pa'saro
Wămônoã V, 2023
Marchetaria
23 x 26 cm



Dhiani Pa'saro
Wămônoã VI, 2023
Marchetaria
23 x 26 cm



Dhiani Pa'saro
Wāmōnoã VII, 2023
Marchetaria
23 x 26 cm



Dhiani Pa'saro
Wāmōnoã IV, 2023
Marchetaria
23 x 26 cm



Dhiani Pa'saro
Wāmōnoã VIII, 2023
 Marchetaria
 23 x 26 cm



Dhiani Pa'saro
Wa'Táparo VIII, 2023
 Marchetaria
 23 x 26 cm

Dhiani Pa'saro
Wa'Táparo X, 2023
 Marchetaria
 23 x 26 cm

Dhiani Pa'saro
Wa'Táparo IX, 2023
 Marchetaria
 23 x 26 cm

Dhiani Pa'saro
Wa'Táparo VII, 2023
 Marchetaria
 23 x 26 cm

Dhiani Pa'saro
Wa'Táparo XI, 2023
 Marchetaria
 23 x 26 cm

Dhiani Pa'saro
Wa'Táparo VI, 2023
 Marchetaria
 23 x 26 cm



Dhiani Pa'saro
Wa'Táparo VIII, 2023
Marchetaria
23 x 26 cm



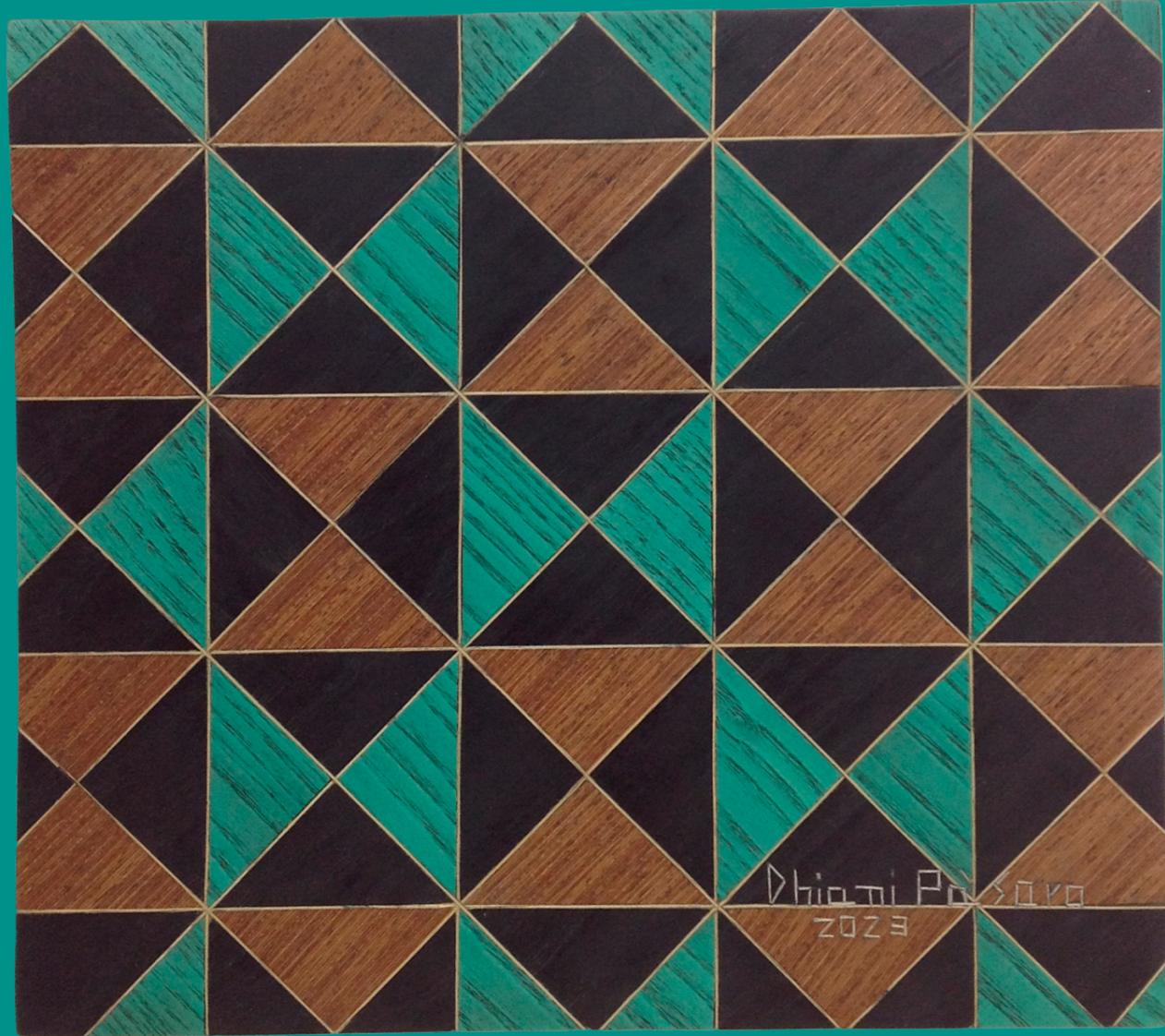
Dhiani Pa'saro
Wa'Táparo VII, 2023
Marchetaria
23 x 26 cm



Dhiani Pa'saro
Wa'Táparo X, 2023
Marchetaria
23 x 26 cm



Dhiani Pa'saro
Wa'Táparo XI, 2023
Marchetaria
23 x 26 cm



Dhiani Pa'saro
Wa'Táparo IX, 2023
Marchetaria
23 x 26 cm



Dhiani Pa'saro
Wa'Táparo VI, 2023
Marchetaria
23 x 26 cm

DUHIGÓ



Duhigó (significa "primogênita", na língua indígena Tukano) nasceu em 02 de março de 1957, na aldeia Paricachoeira, município de São Gabriel da Cachoeira, região do Alto Rio Negro, Estado do Amazonas, Brasil. É filha de pai Tukano e mãe Dessana (etnias amazônicas). Mora em Manaus desde 1995. Concluiu o curso de Pintura na Escola de Arte do Instituto Dirson Costa de Arte e Cultura da Amazônia, em 2005, tornando-se a primeira indígena da etnia Tukano a se profissionalizar nas artes visuais.

Em suas telas, expressa, principalmente, a cultura ancestral da Amazônia na cosmovisão indígena. Também costuma representar em seus trabalhos o cotidiano próprio das "nações" indígenas, seus artefatos e elementos mitológicos. Sua prioridade é registrar a memória dos índios Tukano, assim como a natureza amazônica presentes em sua memória afetiva. Fala fluentemente as línguas indígenas Tukano, Dessana e Tuyuka, além do Português.

Desde 2005, Duhigó possui uma contínua produção artística que já lhe rendeu exposições no Brasil e no exterior. Em 2009, o Governo do Amazonas presenteou o presidente da FIFA, Joseph Blatter, com sua obra "Pote Tukano", durante a campanha para a cidade de Manaus tornar-se sub-sede da Copa do Mundo de 2014. De lá pra cá, Duhigó possui muitos admiradores de sua arte que vão de colecionadores particulares às grandes personalidades da Amazônia e do mundo. No ano de 2014, ano da COPA no Brasil, o famoso jogador inglês de futebol, David Beckham tornou-se proprietário da obra "Pote de Caxiri", produzida em 2009, em Manaus. A ex-presidente do Brasil, Dilma Rousseff, em 2014 tornou-se proprietária da obra "Ritual Dabacuri", obra catalogada.

Duhigó é representada pela Manaus Amazônia Galeria de Arte, em Manaus e já participou de diversas exposições coletivas, entre as principais estão: "Coletiva de Artistas Indígenas do Amazonas" em Manaus – 2005; "Coletiva Sopro Tribal" em Manaus – 2006; "Coletiva Artistas indígenas", em Manaus – 2007; "Coletiva Trançados e Cores da Amazônia" em Manaus – 2008; "Coletiva Internacional de Artistas Amazônicos", em Nova Iorque/EUA – 2009; Coletiva "Amazônia Sou Eu" na sede da ONU, em Nova Iorque/EUA – 2009; "CAA BOC- Mostra IDC de arte amazônica" em Manaus – 2012 e "Salão de Artes – A Marinha na Amazônia", em Manaus – 2016. No ano de 2017, Duhigó recebeu o prêmio de 1º lugar no Salão de Artes da Marinha, em Manaus, na categoria Amazônia, com a obra "Mahrãm Poli Betó – Cocar Desconhecido".

Em 2018, Duhigó entrou para história nacional como a primeira artista Tukano a ser selecionada com duas obras para a Bienal Naifs do Brasil, a mais importante da América Latina. Entre 2019 e 2020, Duhigó participou da Exposição Itinerante VaiVém, a convite, com a obra em acrílica sobre madeira Nepũ Arquepũ (Rede Macaco, na língua Tukano), que narra o ritual de nascimento de um bebê Tukano. A exposição nacional teve a curadoria de Raphael Fonseca e aconteceu nos Centros Culturais Banco do Brasil em São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Ainda em 2019, a obra Nepũ Arquepũ foi proposta pela curadoria da Pinacoteca de São Paulo ao Programa Anual de Aquisições, o que revela o interesse da Instituição na artista e sua obra. Em 2020, a obra foi destaque na crítica de Oliver Basciano, da Revista ArtReview, edição de março, sobre a exposição VaiVém, no Brasil.

Também em 2019 a artista participou de uma coletiva em homenagem aos 350 anos da cidade de Manaus – AM, com quatro artistas indígenas amazonenses, na maior galeria pública do Amazonas – Centro de Artes Galeria do Largo – com a exposição "Nipetirã – Todos" (na língua Tukano), que ficou em cartaz até fevereiro de 2020 recebendo mais de 10 mil pessoas. Em 2020, esteve novamente na Bienal Naifs do Brasil, aberta em agosto em Piracicaba – SP, com a obra em acrílica sobre tela, Mulher Guariba. A Bienal encerrou em julho de 2021. Em agosto de 2021, a obra Nepũ Arquepũ passou a pertencer ao acervo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP, por meio da doação de Mônica e Fábio Ulhoa Coelho, tornando Duhigó a primeira artista indígena do Amazonas a compor o acervo do mais importante museu da América Latina e do Hemisfério Sul. Ainda em 2021, lançou o primeiro portfólio audiovisual de uma artista indígena Tukano da Amazônia, no YouTube da Manaus Amazônia Galeria de Arte, representante oficial do artista.

Em 2022, Duhigó foi procurada por acadêmicos, doutorandos, mestrandos e pesquisadores para registrar suas produções artísticas, por meio de linhas diversas de estudos científicos. Entre agosto e outubro, participou da mostra Histórias Brasileiras, no MASP, com uma obra em pintura intitulada: "Autorretrato de Duhigó", em tamanho real da artista. A obra também foi doada ao MASP, ao final da exposição, pelo casal Mônica e Fábio Ulhoa Coelho. Ainda em 2022, a convite do Mastercard Brasil suas obras ambientaram a temporada Amazônia do restaurante e bar Espaço Priceless Mastercard Notiê e Abaru, no rooftop do Shopping Light, Centro de São Paulo. Neste mesmo ano, Duhigó aceitou o convite da Aura Galeria em uma parceria com a Manaus Amazônia Galeria de Arte para apresentar uma coleção de obras inspiradas em sua ancestralidade, cotidiano e elementos de representatividade de seu povo Tukano na sua primeira feira de arte em São Paulo, a SP-Arte "Rotas brasileiras". Em novembro de 2022, Duhigó entra para o acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, após aprovação do conselho curador e de patronos do museu, com a obra em acrílica sobre tela, Máscara de Ritual I, de 2010.

Entre outubro de 2023 e fevereiro de 2024, Duhigó volta novamente a expor a obra Nepũ Arquepũ, agora na exposição "Histórias Indígenas", do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP. A exposição reuniu cerca de 170 artistas de 4 continentes e também será exibida no Kode Bergen Art Museum, na Noruega, em 2024. Ainda em 2023, Duhigó foi premiada com o Prêmio Funarte Mestra das Artes Visuais 2023, prêmio concedido pelo Governo Federal, Ministério da Cultura, por meio da Funarte. Em fevereiro de 2024 recebe o convite do Ministério da Cultura da Bolívia para participar com 3 obras suas, sendo uma inédita, no Pavilhão da Bolívia na Bienal de Veneza (Biennale di Venezia) de 2024 o mais tradicional e importante evento de artes visuais do mundo, no contexto da exposição "Looking to the futurepast, we are treading forward".

DHIANI PA'SARO



Dhiani Pa'saro (nome que significa Pato do Mato, na língua indígena Wanano) é um índio da etnia Wanano e nasceu em 23 de fevereiro de 1975, na aldeia Tainá, no município de São Gabriel da Cachoeira, na região do Alto Rio Negro, Estado do Amazonas - Brasil. É filho de pai Wanano e mãe Kobéua. Veio para Manaus aos 23 anos e formou-se em Pintura e Marchetaria na Escola de Arte do Instituto Dirson Costa de Arte e Cultura da Amazônia, em 2007 e 2008. É o primeiro indígena da etnia Wanano a se profissionalizar nas artes visuais. Fala fluentemente as línguas indígenas Wanano, Kobéua e Tukano.

Em suas telas, Dhiani expressa, principalmente, a cultura primitiva e ancestral da Amazônia na cosmovisão indígena dentro de uma expressão poética original e muito própria de um artista que vê na arte a possibilidade de salvaguardar a memória ancestral de seu povo Wanano. Ele também registra em sua obra hábitos das etnias amazônicas presentes em sua memória afetiva.

É um artista de ampla produção e representado pela Manaus Amazônia Galeria de Arte, em Manaus. Possui participação em exposições coletivas e individuais, entre as principais estão: "1ª Coletiva de Artistas Indígenas do Amazonas", no Studio 5 Festival Mall, em Manaus – 2005; "Coletiva Sopro Tribal", na Galeria do Largo, em Manaus – 2006; "1a Mostra Individual Indígena", no Hotel Tropical, em Manaus – 2006; 14 peças compondo a obra "YOI – Mito de Criação dos Tikuna", no Museu Maguita, em Benjamin Constant, Estado do Amazonas – 2007; "Coletiva Trançados e Cores da Amazônia", no Manaus Casa Shopping, em Manaus – 2008; "Coletiva Novos Talentos Brasileiros", no Salão Negro do Senado Brasileiro, em Brasília – 2008; "1a Coletiva Internacional de Artistas Amazônicos, na sede da ONU, em Nova Iorque/EUA – 2009; "CAA BOC- Mostra IDC de Arte Amazônica" em Manaus – 2012 e "Salão de Artes – A Marinha na Amazônia" – 2016.

Entre 2019 e 2020 estreou em cenário nacional na Exposição Itinerante VaiVém, com a obra Wūnū Phunō (Rede Preguiça, na língua Wanano), composta por 44 tipos de madeira. VaiVém recebeu a curadoria de Raphael Fonseca e percorreu os Centros Culturais Banco do Brasil em São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Também em 2019 o artista participou de uma coletiva em homenagem aos 350 anos da cidade de Manaus – AM, com quatro artistas indígenas amazonenses, na maior galeria pública do Amazonas – Centro de Artes Galeria do Largo – com a exposição "Nipetirã – Todos" (na língua Tukano), que ficou em cartaz até fevereiro de 2020 recebendo mais de 10 mil pessoas.

Em 2020 duas consagrações nacionais reconheceram Dhiani Pa'saro como um artista da elite brasileira na arte contemporânea. A primeira foi na Bienal Naifs do Brasil 2020, a mais importante da categoria na América Latina, que selecionou duas obras do artista (Lembranças dos 3 trançados, em acrílica sobre tela e Semente de Seringueira, em marchetaria) para Bienal que ficará aberta até julho de 2021.

A segunda foi a seleção da obra Escudo de Dança, em marchetaria, pela curadoria do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). A obra agora faz parte do catálogo histórico da Exposição "Histórias da Dança", que devido a pandemia de COVID-19 não pode acontecer de forma física no museu.

Em 2021 lançou o primeiro portfólio audiovisual de um artista indígena da Amazônia, no YouTube da Manaus Amazônia Galeria de Arte, representante oficial do artista.

Dhiani desenvolve em seu ateliê às margens do rio Tarumã-Mirim, afluente do rio Negro, suas obras em pintura e marchetaria. Para a Aura Galeria em São Paulo desenvolveu uma coleção de trançados sagrados dos índios Wanano e Ticuna, em marchetaria.

Em 2022 passou a compor o acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo com a obra "Arara Azul" em marchetaria, 80 cm de diâmetro.

Entre outubro de 2023 e fevereiro de 2024, Dhiani expõe a obra Sûophoka, na exposição "Histórias Indígenas", do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP. A exposição reuniu cerca de 170 artistas de 4 continentes e também será exibida no Kode Bergen Art Museum, na Noruega, em 2024.

Coordenação Geral

Associação de Educação do Homem de Amanhã do Brasil

Curadoria e produção

Nei Vargas

Assistente de produção

Cleide Mara

Expografia

Nei Vargas e Carlysson Sena

Gestão do Projeto

Mariana Lacerda

Projeto Gráfico

Brayan Amancio

Giovana Macedo

Assessoria de imprensa

Uiara Andrade

Iluminação

Ton Light

Montagem

Kiarte

Acervo

Coleção Sérgio Machado Reis

Apoio

MANAUS AMAZÔNIA
GALERIA DE ARTE

Realização



Patrocínio

CAIXA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



Audioguia
#ParaTodosVerem